

humanitas

Vol. XXXIX-XL

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

XXXIX-XL



C O I M B R A

MCMLXXXVII-MCMLXXXVIII

dos nobres, as preocupações e esperanças de um povo, a sua gesta, a ambição do humanista em ser o seu cantor.

A importância e significado desta obra, que se estende por mais de centena e meia de *folia*, em letra gótica, bem desenhada e ornamentada, é agora de mais fácil acesso ao leitor erudito, que vê também a sua tarefa facilitada pela sugestiva e orientadora análise, que a acompanha.

NAIR N. CASTRO SOARES

JULIA KRISTEVA, *Étrangers à nous-mêmes*. Paris, Fayard, 1988. 288 págs.

O fenómeno do exílio e a sua importância em termos de criação literária têm suscitado, de há uns tempos a esta parte, atenção crescente. Nos últimos dois anos, pelo menos dois congressos tiveram lugar, expressamente voltados para esta temática, o mais recente dos quais em Belgrado, em Outubro de 1988. Este título não será, por certo, alheio a essa tendência.

Não é, porém, do exílio, em sentido estrito, ou não é exclusivamente do exílio, que trata este novo livro de Julia Kristeva, mas sim desse outro fenómeno que vive paredes meias com o desenraizamento e do qual é, de alguma forma, indissociável — o estrangeiro ou, talvez melhor, o estranhamento ou estranheza.

O leitor é conduzido, ao longo das quase trezentas páginas, através de um percurso extenso, desde a Antiguidade aos nossos dias, com etapas (pontos de partida para a reflexão) em épocas determinantes da história da civilização ocidental.

Seleção polémica, em jeito de desafio, como é peculiar na autora, a obra mantém uma permanente dimensão simbólica, presente, desde logo, no capítulo introdutório, *Toccata et fugue pour l'étranger*: «Etrangement, l'étranger nous habite; il est la face cachée de notre identité, l'espace qui ruine notre demeure, le temps où s'abîment l'entente et la sympathie» (p. 9).

Cercado por contradições insuperáveis e, por vezes, fatais (a terra prometida e a ameaça da destruição, a prisão ao passado e a fuga para um futuro nebuloso, o sonho e a nostalgia), o *estrangeiro* de J. K. povoa toda a nossa história: a Antiguidade Clássica (*Les Grecques entre barbares, suppliants et mêtèques*) ou Bíblica (*Le peuple élu et l'élection de l'étranger*); o Cristianismo (*Saint Paul et Saint Augustin: thérapie de l'exil et pèlerinage*); a Idade Média (*De quel droit êtes-vous étranger?*) e o Renascimento (*Cette Renaissance, «d'une texture si informe et diverse»*); o século das Luzes (*Des Lumières et des étrangers*) e os dias de hoje (*L'Universalité ne serait-elle pas ... notre propre étrangeté?*).

Faltam, decerto, elementos importantes neste edifício e que a autora não tem em conta ou, pelo menos, não refere: Roma, em cuja história cultural e literária o exílio é elemento que não pode ser menosprezado (Ovídio, Cícero, Sêneca são casos paradigmáticos, entre outros) e a outra face do Renascimento (a Dante, que pode

aceitar-se, sem reservas, como símbolo de todos os exilados da Itália conturbada dessa época e da que a precedeu, sucede o cosmopolitismo de Erasmo, o reverso da medalha). Tê-los em conta (e a tantos outros) teria confirmado ou teria, antes, desviado este percurso?

O título do capítulo final (*Pratiquement...*) é bem claro de que esta obra não pretende fechar vias, mas sim abri-las. Esse será um dos seus grandes méritos. As Danaides, Cristo, Dante, mais não serão que elementos de uma construção simbólica de onde parece resultar (incontestável? ameaçadora?) uma conclusão: este estrangeiro, de Julia Kristeva, é cada um de nós. Ou, dando razão ao título: cada um de nós tem em si o seu próprio estrangeiro.

CARLOS ASCENSO ANDRÉ

JOSÉ AUGUSTO CARDOSO BERNARDES, *O bucolismo português: a égloga do Renascimento ao Maneirismo*. Coimbra, Livraria Almedina, 1988, 188 págs.

Há muito já que se fazia sentir a falta de uma obra que abrangesse, no seu conjunto, o bucolismo português de Quinhentos. De facto, os trabalhos nesse domínio cingiam-se, até agora, ao estudo das églogas de autores isolados ou, o que é ainda menos específico, não passavam de uma parcela reduzida de obras de índole global sobre a poesia de cada um desses autores.

Esta era, sem dúvida, uma lacuna grave, tanto mais por ser indesmentível que a poesia bucólica ocupa lugar de relevo na poesia portuguesa do séc. XVI.

O presente trabalho de J.A.C.B., que em boa hora a ele se abalçou para o apresentar como dissertação de Mestrado em Literatura Portuguesa à Faculdade de Letras de Coimbra, em 1987, e que agora, com toda a justiça, saiu a público, tem, desde logo, o mérito de ser pioneiro no preenchimento desse espaço.

O bucolismo português filia-se numa corrente europeia cujas tradições remontam à Antiguidade Clássica, e que tem nos *Idílios* de Teócrito e nas *Bucólicas* de Virgílio os seus modelos de maior fama e fortuna. O *Quattrocento* italiano (Sanazzaro, entre outros) deu-lhe um novo alento. Disto nos dá conta a breve síntese inicial (p. 19-28).

O autor volta-se, então, para os cultores do género na literatura portuguesa (caps. II a V), a partir de um *corpus* que inclui todos os nomes de maior significado: Bernardim Ribeiro, António Ferreira, Camões, Diogo Bernardes, Sá de Miranda, Frei Agostinho da Cruz e ainda a égloga *Crisfal*, sobre cuja autoria continua a pairar a incerteza.

Relevando na égloga, quase por definição, o seu carácter dialéctico, é a partir dessa marca essencial que se estrutura o livro: *A Dialéctica introversiva do Tempo e do Espaço* — Bernardim Ribeiro e a *Crisfal*; *A Dialéctica estabilizada pelo cânone* — António Ferreira; *A Dialéctica do Enunciado* — Camões e Diogo Bernardes;